



La gitanilla: a valorização entre culturas e a ruptura de estereótipos e preconceitos na obra de Cervantes¹

La gitanilla: la valorización entre culturas y la ruptura de estereotipos y prejuicios en la obra de Cervantes

Edilza de MOURA²

Rayane Maria da Silva OLIVEIRA³

Resumo: O presente trabalho se propõe a refletir sobre a importância da interculturalidade para aproximar culturas ricas em diversidades, como a espanhola e a cigana, além de contribuir no sentido de desmistificar estigmas e estereótipos que podem gerar a discriminação entre povos de culturas distintas. Autores como Saz (2009), Schmelkes (2008), Geertz (2008), Maurer (2008), entre outros, contribuíram de forma relevante para essa pesquisa, pois, a partir de seus pressupostos, foi possível identificar possíveis marcas de estereótipos e preconceitos em relação ao povo cigano, na obra *La gitanilla*, de Miguel de Cervantes (2010). A análise da obra possibilitou identificar elementos da Espanha Medieval, evidenciando uma interação crítica e dinâmica entre tais povos, além de promover a valorização das culturas espanhola e cigana.

Palavras-chave: Interculturalidade. Preconceito. Estereótipo. *La gitanilla*. Cervantes.

Resumen: El presente trabajo pretende reflexionar sobre la importancia de la interculturalidad para aproximar culturas ricas en diversidades, además de contribuir en el sentido de desmitificar estigmas y estereotipos. Para eso, se analizó la obra *La Gitanilla*, de Miguel de Cervantes (2010) verificando posibles marcas de estereotipos y prejuicios en relación al pueblo gitano. Se utilizó como referencial teórico, autores como Saz (2009), Schmelkes (2008), Geertz (2008), Maurer (2008), entre otros, que contribuyeron de forma relevante a esa investigación. Fue analizada la obra *La gitanilla* (CERVANTES, 2010) para establecer las realidades de la España Medieval con sus particularidades culturales. Es posible percibir que la interculturalidad posibilita la ampliación de la visión sociocultural, permitiendo interacción crítica y dinámica entre culturas, además de promover la valoración de las culturas españolas y gitanas.

Palabras clave: Interculturalidad. Prejuicio. Estereotipo. *La gitanilla*. Cervantes

<http://dx.doi.org/10.24024/23579897v28n2a2019p990110>

¹ Este artigo tem origem numa pesquisa desenvolvida através do Núcleo de Pesquisas e Iniciação Científica da FAFIRE/NUPIC, em 2017/2018, publicada nos Anais do 15º Congresso NUPIC, v. 6, n. 1, 2019.

² Professora do Curso de Letras | FAFIRE | orientadora da pesquisa | E-mail: letras@fafire.br

³ Graduada em Letras | FAFIRE | pesquisadora do NUPIC | FAFIRE | E-mail: rayanemsoliveira@gmail.com

Introdução

O presente estudo tem como objetivo principal refletir sobre a diversidade existente entre as culturas espanhola e cigana, visando à ruptura de possíveis estereótipos e preconceitos. Daí, a contribuição deste artigo reside na possibilidade de refletir a respeito da importância da educação intercultural para o enfrentamento ao racismo e para o desenvolvimento de atitudes positivas que promovam o diálogo entre as culturas.

Para isso, essa pesquisa estrutura-se em três partes. A primeira, o complexo conceito de cultura para a contextualização de interculturalidade, e também define os principais entraves para a formação do pensamento intercultural: o racismo, o preconceito e a discriminação. Na segunda parte, é feito um breve resgate da história do povo cigano. Ainda que sua origem seja incerta, são relatados alguns registros dessa população na Espanha Medieval. Por fim, a terceira parte apresenta a análise da obra *La gitanilla*, de Miguel de Cervantes, primeira história que retrata com ricos detalhes a sociedade cigana da época. A obra foi analisada levando em consideração os aspectos da interculturalidade e, nesse sentido, ficou evidenciada a possibilidade de a literatura refletir a cultura cigana sem reproduzir estereótipos.

1. Homogeneidade cultural: racismo, discriminação e preconceito

A discussão sobre cultura nunca foi tão importante como nos dias atuais. Com o advento da globalização, diversas formas de expressões culturais entram em contato e até convivem no mesmo território, o que gera crises políticas e tentativas inclusive de separação territorial, a fim de formar novas nações.

Levando em conta o viés histórico-social, é possível encontrar, pelo menos, duas explicações para a origem do termo cultura. A primeira diz respeito às sociedades agrícolas, que contavam com suas próprias formas de organização social, daí o termo *colere*, que veio do latim e significa *cultivar a terra*. A outra se refere às grandes civilizações que, no Oriente Médio, foram conhecidas por preservar a unidade dentro do grupo social e por promover suas crenças, tradições e rituais, que as diferenciavam de outros grupos (STEARNS, 2015). A diferença entre essas duas formas de compreender o conceito de cultura, no entanto, deve-se apenas ao fato de que tais civilizações contavam com avanços tecnológicos distintos que incidiram diretamente em sua forma de organização cultural.

O conceito de cultura, no entanto, evoluiu e, hoje, possui diversos significados que estão diretamente ligados às diversas áreas de interesses humanos. De acordo com Tylor (*apud* KAHN, 1975), cultura envolve uma complexa teia de conhecimentos (crenças, artes, valores morais, direitos, costumes, hábitos, etc.) cultivados pelo homem enquanto parte da sociedade. Já Malinowsky (*apud* KAHN, 1975) aborda cultura como algo externo, interiorizado mediante um processo de aprendizagem, caracterizado por seu valor social. Por abarcar uma extensão histórica, geográfica, política e intelectual, o termo cultura tornou-se complexo e hoje faz-se necessária uma definição que esteja conectada com os avanços da sociedade.

Geertz (2008), um dos principais nomes da antropologia simbólica, por sua vez, considera cultura como uma teia de significados que permite ao indivíduo expressar seus sentimentos e juízos de valores, comunicar-se e desenvolver conhecimentos. Considerando esse sistema como uma série de mecanismos de controle que são aprendidos, esse autor afirma também que o ser humano é guiado, dessa forma, para atuar e compreender o mundo. Na mesma linha de pensamento, o autor aponta a impossibilidade de homogeneidade ou coerência na concepção de cultura, pois a teia de significados pode agir de diferentes formas, e cada sociedade interpretará, por exemplo, de forma distinta, a mesma conduta em um mesmo ambiente (GEERTZ, 2008).

Essa definição apontada pelo antropólogo traz um caráter cognitivo de cultura que vai ao encontro dos objetivos do presente trabalho, assim como dialoga com a área da educação, especificamente do aprendizado de línguas. Contudo, não se pode perder de vista que a problemática com o conceito de cultura surgiu a partir do momento em que passaram a utilizá-lo como expressão das belas artes (cultivadas pela elite da sociedade), dando a impressão de que apenas pessoas instruídas fazem parte de uma cultura importante em oposição aos incultos (sem cultura).

Nesse sentido, e reafirmando o posicionamento teórico de Geertz (2008), compreende-se que, quando se fala em cultura, não se deve pensar em homogeneidade. Inclusive dentro de uma mesma sociedade há diferenças que podem ser de gênero, classe social, idade, identidade sexual, religiosa, entre outras. Essas diferenças implicam, inevitavelmente, estranhamentos e choques culturais entre os segmentos sociais (dentro de uma mesma sociedade ou não). É nesses embates que podem aparecer manifestações de racismo e suas variantes, como a discriminação e o preconceito.

Antes de tratar dessas manifestações, é necessário compreender os conceitos de raça e etnia, que são importantes para o presente trabalho. Raça é um vocábulo que se refere ao âmbito da biologia e tenta definir os seres humanos em inferiores e superiores, baseando-se em características biológicas, tanto da constituição física quanto da capacidade mental. Foi um conceito muito utilizado para justificar grandes catastrófes humanas, como a escravidão africana no Brasil e o Holocausto nazista, na Alemanha (LOPES, 2007). Entretanto, hoje em dia, as características fenóticas são insuficientes para a compreensão da complexidade humana. Nesse sentido, o termo etnia vem ganhando destaque e está intimamente ligado ao conceito de cultura. Etnia se refere a

[...] um grupo de pessoas com constituição genética semelhante, por ter a mesma origem e que compartilha a mesma cultura, além de identificar-se como grupo diferente dos demais. Nessa identificação, é importante a consciência da origem comum e da vivência de experiências conjuntas e solidárias (LOPES, 2007, p. 36).

Percebe-se que ambos os conceitos são complexos e não escapam das modificações quanto ao seu significado, de acordo com a contínua transformação da sociedade. Nesse sentido, a cultura se torna importante na diferenciação entre os grupos sociais, pois é um fator que mostra a relevância da convivência entre os povos e que não é possível delimitar

as fronteiras culturais, pois a cultura, como já dito, é viva, modificando-se e transformando-se constantemente.

Racismo seria a ideia de que um povo é superior a outro por conta de suas características físicas ou de sua origem. Esse tipo de pensamento é uma construção social e já existia nas civilizações antigas, como a Grécia, por exemplo, onde os estrangeiros não compartilhavam dos costumes e direitos gregos, pois não eram considerados cidadãos. O racismo manifesta-se de diversas maneiras (xenofobia, sexismo) e constitui-se como um dos principais entraves para a convivência harmoniosa entre as sociedades. Trata-se de um fenômeno complexo, e suas variantes manifestam-se no discurso ideológico e na prática social (ESCUELA INTERCULTURAL, s/d.).

A **discriminação**, por sua vez, manifesta-se no plano da prática social e diz respeito às políticas de segregação e/ou condutas que resultem em prejuízos para determinado segmento social. O *apartheid*, regime de segregação racial adotado na África do Sul, entre os anos de 1948 e 1994, foi um dos mais notórios exemplos de discriminação baseada em origem étnica. Por fim, o preconceito reside no campo ideológico e trata-se de uma ideia preconcebida a respeito de um indivíduo ou grupo social, baseando-se apenas em estereótipos. Por exemplo, nos séculos de colonização no Brasil, criou-se a imagem do indígena como um ser selvagem. Esse tipo de pensamento ainda sobrevive no imaginário brasileiro e traz consequências nocivas para a convivência harmoniosa com os descendentes dos indígenas (ESCUELA INTERCULTURAL, s.d.).

Como dito antes, o racismo é a suposta ideia de superioridade que está ligada ao sentimento de pertencimento a um grupo social supostamente considerado superior. Além do racismo, deve-se levar em consideração a ideia de etnocentrismo, que é uma visão de mundo em que um grupo social considera seus hábitos, valores e condutas como superiores aos de outros grupos étnicos. Nesse sentido, o contato com outra cultura – ainda que dentro do mesmo território – pode parecer uma ameaça a esse sentimento de uniformidade, cristalizando estereótipos e naturalizando preconceitos que podem gerar discriminação e xenofobia.

2. Pluralidade cultural: interculturalidade e valorização das diferenças

Com a complexidade do conceito e a existência de diversas culturas, surge a necessidade de uma comunicação que implique um enriquecimento social que vá além do entendimento linguístico e não resulte em atitudes preconceituosas e discriminatórias com base em estereótipos.

O Marco Común Europeo de Referencia para las Lenguas (doravante MCERL) (CONSEJO DE EUROPA, 2001), documento relevante para a compreensão do ensino de línguas, traz a relação entre consciência intercultural e competências interculturais. Essa relação aborda a ampliação da consciência de mundo, da diversidade regional e social. Para o MCERL (CONSEJO DE EUROPA, 2001), a interculturalidade é um fenômeno cognitivo e comunicativo que dá suporte para a superação de estereótipos, além de inter-relacionar culturas.

A interculturalidade não se limita ao reconhecimento e respeito por outras culturas, visto tratar-se de um processo de comunicação mútua que age para eliminar os preconceitos e a ideia de que uma cultura pode ser superior a outra.

Saz (2009) enfatiza a importância da interculturalidade para a sobrevivência do ser humano, apontando que as culturas se constroem em contato com outras, sendo a pluralidade característica fortemente atrelada às sociedades, pois elas estão em constante transformação. Ao referir-se ao modelo intercultural, a autora diz que as diferenças devem ser valorizadas. Contudo, é necessário descobrir os valores e pontos em comum, já que a interculturalidade tem como objetivo “(...) superar la mera coexistencia territorial y busca el diálogo entre personas procedentes de distintas tradiciones culturales y las posibilidades que se abren en ese mismo diálogo” (SAZ, 2009, p. 20).

A interculturalidade possibilita, pois, a construção da visão de mundo a partir da visão do outro. Porém, de acordo com Schmelkes (2008), essa aproximação entre visões diversas deve se dar de forma positiva, tendo em conta que a própria cultura não é a única válida. Schmelkes (2008) afirma também que a interculturalidade pressupõe um processo de conhecimento, reconhecimento, valorização e apreço das distintas formas culturais de se construir a realidade e que se mostram eficientes na vida das pessoas.

A importância do diálogo intercultural para a construção da cidadania reside no fato de que permite a realização de mudanças, buscando uma sociedade mais harmoniosa, que valorize as riquezas das diversas culturas para o crescimento do indivíduo enquanto ser humano, aceitando as diferenças como algo que agrega aspectos relevantes.

A partir da concepção intercultural, serão feitas algumas considerações a respeito da cultura cigana, procurando estabelecer pontos em comum com a cultura espanhola, desmistificando possíveis estereótipos e preconceitos, para, enfim, proceder à análise da obra *La gitanilla* (CERVANTES, 2010).

3. Contato cultural entre ciganos e espanhóis: da intolerância à educação intercultural

A história não possui documentos suficientes a respeito da vida do povo cigano. Apesar de os historiadores se basearem em hipóteses a respeito da origem desse povo, há um certo consenso que retrata os ciganos como oriundos do noroeste da Índia. Há registro no século IX de invasões do Islam à Índia, o que resultou na migração do povo indiano que ali vivia.

Grande parte dos historiadores menciona que o povo indiano que iniciou a migração não era homogêneo; ao contrário, provinha de diferentes tribos com uma diversidade de culturas que deu origem ao povo Rom, como são conhecidos os ciganos. As guerras foram a principal causa da peregrinação do povo Rom para encontrar uma vida melhor em outra terra. A constante migração levou-os para a Europa, no século XIV e, no século seguinte, finalmente para a Espanha (VILLANUEVA, 2002).

Por sua condição de povo nômade e a forte tradição oral em sua cultura, os Rom foram recebidos com curiosidade e hospitalidade pelo povo espanhol. A chegada deles ao

país está registrada em um documento oficial assinado pelo rei Afonso X (MAURER, 2008). Com o passar dos anos, a presença do povo cigano foi crescendo no território espanhol, o que foi acompanhado pelo crescimento demográfico da população que ali já vivia. A vida boêmia, a dificuldade de estabelecer moradia e trabalho fixo, além dos gastos que traziam pelo fato de muitos sobreviverem de esmolas e doações, foram mingando a atração que os ciganos exerciam nos espanhóis, crescendo, dessa forma, a rejeição que perduraria até os dias de hoje. De acordo com Sancho de Moncada (1974), a opinião geral sobre os ciganos era a seguinte:

Ellos son gente vagamunda, ociosa e inútil del Reyno; ellas, públicas ramerar, vagantes, habradoras, inquietas, siempre en plazas, y corrillos. Ladrones famosos e impenitentes, apenas hay rincón de España donde no hayan cometido algún grave delito. (...) gente, en fin, ociosa, vagamunda e inútil a los Reinos, sin comercio, ocupación ni oficio alguno; y si alguno tiene es hacer ganzúas y garabatos para su profesión, siendo zánganos que sólo viven de chupar y talar los reinos, sustentándose del sudor de los míseros labradores (MONCADA, 1974, *apud* VILLANUEVA, 2002, p. 4).

A rejeição pelo povo Rom cresceu a ponto de que qualquer acusação de roubo ou delinquência recaía sobre eles, o que, de certa forma, ainda está inculcado no imaginário espanhol. De acordo com Maurer (2008), a perseguição e expulsão do povo cigano iniciou-se com a vontade dos reis católicos de cultivarem uma homogeneidade religiosa, que se estendia pela cultura espanhola de forma geral. Nesse sentido, os ciganos eram obrigados a assimilar a cultura vigente ou, caso contrário, sofreriam as consequências.

Essa assimilação dizia respeito a cultivar a terra, ter trabalho fixo ou ter senhores para servir e ter casa própria, coisas que eram o oposto à vida cigana. Vegas Cortes (*apud* BRAVO HERRERO; MORENO ESCAMILLA, 2011, p. 13) afirma que o fanatismo religioso acabou com as convivências entre as culturas existentes no território: *“ya no hay lugar para la tolerancia, ya no se acepta a los que piensan, hablan, visten o se comportan de forma distinta (...)”*. A assimilação da cultura através da força deu início a um dos períodos mais cruéis para a população cigana. Castigos físicos, trabalho forçado, encarceramento, tortura, e até a morte, estavam entre as penas para os ciganos que se negassem a fazer parte da norma social e econômica vigente na Espanha do século XVI (SOLANO CAZORLA, 1997).

Esse período de perseguição, expulsão e assimilação forçosa continuou pelos séculos seguintes, através da promulgação de legislações anticiganas que tentavam forçar o povo nômade a aderir a um modo de vida que não era o seu próprio e apenas refletiam a vontade dos reis católicos de ter um Estado centralizado e homogêneo, cerceando, dessa forma, as liberdades e aprisionando as culturas (MAURER, 2008).

Com o passar dos anos, a cultura cigana foi paulatinamente “incorporada” e “legalizada” no território espanhol. Segundo Maurer (2008, p. 7), é apenas na Constituição de 1978 que *“(...) se puede hablar de verdadera adquisición de la ciudadanía de pleno derecho por parte de los gitanos (...)”*, ainda que essa cidadania esteja, muitas vezes, no plano teórico, e não resguarde os ciganos de sofrerem ataques racistas ou condene de forma dura esses atos.

Atualmente, no território espanhol, existem cerca de 600.000 ciganos, segundo dados do Portal Unión Romani, sendo metade dessa população localizada em Andaluzia. O povo cigano é formado por grupos heterogêneos, com traços próprios e uma forte tradição oral. Apesar da ausência da escrita, esse grupo étnico possui leis bem severas, não tolerando, por exemplo, o adultério, o concubinato e a prostituição, valorizando a generosidade e a lealdade (SOLANO CAZORLA, 1997). Pode-se perceber, então, alguns pontos em comum com a cultura espanhola, no que diz respeito às normas de moral.

Apesar dos avanços no que concerne às questões legais, os ciganos ainda enfrentam muitos problemas, principalmente, nas áreas de educação, emprego, moradia e cultura. Como não figuram no currículo escolar e não possuem uma história devidamente escrita, essa população sofre com o desconhecimento de sua cultura por parte dos outros habitantes da Espanha, o que acaba gerando preconceitos, discriminação e atitudes racistas.

É necessário, então, abordar a cultura cigana de uma perspectiva intercultural, sem comparações ou julgamentos, permitindo uma troca de valores que agregue conhecimento e permita a criação de uma consciência intercultural.

Não se pode negar que o convívio entre as duas culturas deixou um legado histórico e social na Espanha. No âmbito cultural, o flamenco, conhecido no mundo inteiro como expressão cultural do povo espanhol, na realidade traz consigo marcas do folclore cigano (instrumentos de cordas, palmas, entre outras). O legado dos ciganos também pode ser percebido na ampliação do léxico espanhol, com a introdução de algumas expressões e palavras romanis na fala cotidiana, como adjetivos *gili/tonto*, *chungo/feo*; substantivos *chaval/jóven*, *parné/dinero* e verbos *camelar/engañar*, *sabar/dormir*, *currelar/trabajar*. A assimilação dessas palavras no léxico espanhol comprova que a cultura cigana estava presente na cultura espanhola, embora muitos sequer se deem conta e utilizem tais vocábulos como se fossem originários do castelhano medieval.

É inegável também que a cultura cigana tenha, de certa forma, deixado se influenciar pela espanhola após a legalização e o reconhecimento de sua cultura como parte integrante do território espanhol. O nomadismo/peregrinação das tribos, por exemplo, reduziu bastante a partir do momento em que foram instituídas penalidades para aqueles que vivessem em lugares inadequados. Estabelecidos em determinada cidade, o contato com outros modos de vida, com a educação formal e com o outro, o não cigano, inevitavelmente, obrigou-os a experienciar algumas mudanças na forma como se concebem a si e ao outro na nova configuração social. Talvez a maior influência recebida dos espanhóis seja seu idioma, a ponto do uso do 'caló' ser esporádico e reduzido em algumas comunidades, prevalecendo, portanto, a língua espanhola (ROPERO NÚÑEZ, 1989).

4. Interculturalidade em *La gitanilla*

Na literatura espanhola, a primeira referência feita aos ciganos é na obra *La celestina*, de 1499. Após isso, durante o período literário do século de ouro espanhol, as referências aos ciganos em obras eram esporádicas e procuravam ressaltar aspectos exóticos e

picarescos (SOLANO CAZORLA, 1997). A literatura, por sua função de perenizar o passado de um povo, oferece, até certo ponto, registros que se aproximam mais da realidade cigana na Espanha medieval, ainda que esses relatos estejam perpassados por uma visão preconceituosa a respeito do povo cigano.

Em 1631, o romancista espanhol Miguel de Cervantes Saavedra publicou a coleção de relatos *Novelas ejemplares*, cuja primeira história é *La gitanilla*. A obra traz o relato de uma jovem cigana de quinze anos chamada Preciosa. Criada por sua avó, também cigana, a jovem vive cantando e dançando para ter o seu sustento. Em certo momento do enredo, um nobre, don Juan, apaixona-se por Preciosa e, para provar o seu amor, aceita viver como cigano. Em dado contexto, é conhecida a verdadeira origem de Preciosa, que fora roubada de seus pais nobres pela cigana que considerava ser sua avó. Após isso, ela deixa a vida que tinha e se casa com seu Juan de Cárcamo (CERVANTES, 2010).

A obra de Cervantes é considerada por muitos como um divisor de águas na história dos ciganos na literatura, pois apresenta, como personagens principais, sujeitos integrantes desse grupo étnico tão diversificado e estigmatizado pelo povo espanhol (SOLANO CAZORLA, 1997). Durante o decorrer da história, fica claro que Cervantes conhecia muito bem a cultura cigana, pois ressaltou muitos aspectos que condizem com os poucos registros históricos que existem sobre esse povo, apesar de sua visão ser estereotipada (BRAVO HERRERO; MORENO ESCAMILLA, 2011). Durante a obra, por exemplo, o autor refere-se, em diversas cenas, ao suposto hábito de furtar e roubar dos ciganos, como está claro no primeiro parágrafo do texto:

Parece que los gitanos y gitanas solamente nacieron en el mundo para ser ladrones: nacen de padres ladrones, críanse con ladrones, estudian para ladrones; y, finalmente, salen con ser ladrones corrientes y molientes a todo ruedo, y la gana del hurtar y el hurtar son en ellos como accidentes inseparables, que no se quitan sino con la muerte (CERVANTES, 2010, p. 1).

No final da citação, o romancista deixa claro que as características pejorativas que estavam associadas ao povo Rom são naturais da raça e vão ao encontro do pensamento racista da sociedade espanhola sobre os ciganos. Ao mesmo tempo, Cervantes deixa indícios para a dúvida, ao usar o termo “parece”, que tanto em português como em espanhol guarda certo teor de incerteza. A partir daí a história se torna contraditória, pois o autor refere-se frequentemente às inclinações dos ciganos para o roubo e, ao mesmo tempo, valoriza muitos aspectos de sua cultura, como a liberdade, a hospitalidade e a lealdade (SOLANO CAZORLA, 1997).

Guasch Melis (1998), analisando os grupos sociais na obra em questão, ressalta que existem algumas semelhanças entre os cristãos medievais e os ciganos, principalmente no que diz respeito ao tratamento dado às mulheres. Ambos os povos eram extremamente machistas e tratavam as mulheres como objetos, valorizando apenas o que elas tinham a oferecer:

Nosotros somos los jueces y los verdugos de nuestras esposas o amigas; con la misma facilidad las matamos, y las enterramos por la montañas y desiertos, como si fueran animales nocivos; no hay pariente que las vengue, ni padres que nos pidan su muerte (CERVANTES, 2010, p. 32).

Esse trecho se trata de uma das muitas leis que os ciganos cultivavam em sua cultura e são relatadas no ritual de iniciação feito por don Juan para se tornar Andrés Caballeros, pretendente cigano de Preciosa.

Sobre o machismo inerente à sociedade medieval, pode-se citar, como exemplo, a atitude da avó de Preciosa, que pensava em sua suposta neta apenas como um investimento que poderia render bons frutos, já que era bonita, sabia cantar e dançar como ninguém. Essa valorização da mulher como algo de posse se assemelha muito ao casamento medieval, que era um acordo entre famílias nobres para conservar suas riquezas, sendo a mulher apenas um ser passivo, posse do pai e, em seguida, do marido (BRAVO HERRERO; MORENO ESCAMILLA, 2011).

A autora Guasch Melis (1998, p. 330) continua sua análise dos grupos sociais, destacando que “el dinero es la principal preocupación de todos, independientemente de la clase social o raza”. Fica claro, em *La gitanilla*, que o dinheiro é, de fato, a mola propulsora do mundo medieval, à medida que se tornou um instrumento de poder, possibilitando a compra de tudo, até da justiça, como é possível perceber na cena em que o tio do homem que foi morto por don Juan deixa de perseguir a sua vingança pelo assassinato após receber a promessa de “dos mil ducados” (GUASCH MELIS, 1998). Essa abordagem sobre o poder do dinheiro na obra cervantina mostra a hipocrisia da sociedade da época, ressaltando o poder da literatura como crítica social.

Cervantes destacou um dos estereótipos mais conhecidos a respeito do povo Rom: o caráter picaresco e astucioso. Em verdade, a própria Preciosa relata, em sua fala, ao ser questionada com quem aprendeu sua malícia, a verdadeira natureza do povo cigano que correspondia à imagem retratada na época:

Los ingenios de las gitanas van por otro norte que los de las demás gentes: siempre se adelantan a sus años; no hay gitano necio, ni gitana lerda; que, como el sustentar su vida consiste em ser agudos, astutos y embusteros, despabilan el ingenio a cada paso, y no dejan que críe moho en ninguna manera (CERVANTES, 2010, p. 14).

Atentando-se melhor para Preciosa, principal da obra, é possível perceber que a moça não se encaixa no mundo cigano por sua forma de pensar e agir. Um dos elementos principais da obra é a personalidade da pequena cigana, tão inteligente, diferente do povo com quem convive, o que suscita sentimentos como: “lástima es que esta mozuela sea gitana! En verdad, en verdad, que merecía ser hija de un gran señor!” (CERVANTES, 2010, p. 4). A jovem, em muitos momentos, não se sente tão cigana como deveria, valorizando constantemente a sua liberdade e não aceitando certas leis ciganas misóginas, como fica claro no trecho a seguir:

Puesto que estos señores legisladores han hallado por sus leyes que soy tuya, y que por tuya te me han entregado, yo he hallado por la ley de mi voluntad, que es la más fuerte de todas, que no quiero serlo si no es con las condiciones que antes que aquí vinieses entre los dos concertamos (CERVANTES, 2010, p. 33).

Ao mesmo tempo, a personagem também não parece se encaixar como cristã, já que valoriza em demasiado seu espírito livre, sua destreza para falar o que pensa e sua astúcia. Preciosa, na verdade, apesar de parecer uma idealização do bom espírito cristão, não está livre da ambição que Cervantes critica na obra. Ao contrário, a moça sabe de seus atributos enquanto mulher e usa seu charme para conseguir o que quer, de forma eloquente, o que não era comum às mulheres da época (ALCALDE, 1997).

Um dos pontos positivos em *La gitanilla* é a construção de uma personagem feminina com personalidade, perseverante e valente, o que dá à obra um teor, de certa forma, vanguardista, pois, em plena época medieval, não era comum ter um romancista retratando personagens femininos com tal ênfase. No entanto, Cervantes quebra um pouco com essa idealização de Preciosa, a partir do momento em que ela se descobre como Constanza, filha de senhores nobres, e deixa de ser a moça que sempre valorizou sua própria liberdade para se tornar a dama que estaria sujeita à vontade de seus pais, papel considerado ideal para as mulheres em uma sociedade patriarcal (GUASCH MELIS, 1998). Talvez essa seja mais uma crítica do romancista sobre o modo como a sociedade da época menosprezava a mulher, não levando em consideração a sua inteligência e nem a tratando como uma pessoa tão digna quanto o homem.

Em sua novela, Cervantes traz informações importantes a respeito da cultura cigana, mas é necessário reconhecer que sua escrita está permeada por uma visão estigmatizada, moralmente preconceituosa e, de certa forma, racista a respeito desse povo. A obra, porém, serve aos objetivos da interculturalidade, ao tratar de um tema pouco em voga, retratando um povo tão estigmatizado, valorizando certos aspectos de sua cultura. É possível identificar pontos comuns entre as culturas ciganas e espanholas, ainda que alguns sejam negativos e criticados pelo autor. Outro ponto importante é a descrição de ambas as sociedades de forma realista, demonstrando que o autor procurou estabelecer semelhanças, descrevendo as falhas na moral de cada povo, o que, de certa forma, desconstrói a ideia de que uma cultura pode ser superior à outra.

Não se pode deixar de perceber, entretanto, que há um certo pendor por parte de Cervantes para a crítica social ferrenha à sociedade cristã, destacando seus aspectos hipócritas, o que é comum nas demais obras do autor. Vale destacar também que o romancista espanhol trouxe a crítica a respeito do tratamento dado às mulheres em ambas as culturas. Esse aspecto é interessante para o presente trabalho, pois em momento algum a interculturalidade significa fechar os olhos para as práticas sociais que subjagam outros seres. Ao contrário, conhecer essas facetas de outras culturas permitirá o desenvolvimento de uma crítica social que amplie a consciência de mundo, possibilitando a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Considerações finais

Após o destaque das características ciganas em *La gitanilla*, pode-se afirmar que a obra de Cervantes possui aspectos que retratam a comunidade cigana de forma pejorativa, ressaltando traços negativos que foram moldados ao longo dos anos pela sociedade medieval espanhola e ainda persistem no imaginário espanhol.

Por outro lado, a obra cervantina é revolucionária ao tratar de temáticas sensíveis, como a submissão feminina e as falhas de moral da sociedade cristã. Preciosa é retratada como uma mulher forte, que, mesmo dentro do machismo da comunidade cigana, não se deixava abater. Porém, ao entrar em contato com sua real origem, submete-se ao modo de vida patriarcal. Durante toda a obra, Cervantes faz críticas que tocam bem no cerne da questão moral na sociedade medieval, expondo a hipocrisia dos espanhóis ao subverter os ensinamentos cristãos.

Com o breve panorama histórico sobre o desenvolvimento da comunidade cigana, é possível compreender que a criação de estereótipos a respeito desse povo foi consolidada a partir do desejo de homogeneizar culturas diversas, ignorando a contribuição que cada população, cigana e espanhola, poderia trazer para a convivência no mesmo território. Isso, infelizmente, ocorre até os dias atuais, sendo, pois, urgente a desmistificação de ideias preconcebidas e empobrecidas a respeito dos ciganos (e de tantos outros povos igualmente aviltados, inclusive, na (e pela) história oficial).

Os objetivos iniciais dessa pesquisa foram atingidos, mas, devido à complexidade do tema, percebeu-se que ainda seria necessária muita investigação e dedicação a respeito da cultura cigana, sobretudo no que se refere à interculturalidade, como possibilidade de aproximação entre culturas, nesse caso, entre a cigana e a espanhola.

A obra aqui analisada pode contribuir, de forma significativa, para repensar a estigmatização de povos que não compartilham a cultura estabelecida como a cultura padrão. A história da cigainha serve como ponto de partida para a discussão a respeito da interculturalidade e do enfrentamento de preconceitos e estereótipos, rumo à construção de uma sociedade mais humana e fraterna.

Referências

- ALCALDE, Pilar. El poder de la palabra y el dinero en *La gitanilla*. **Cervantes**: Bulletin of the Cervantes Society of America, v. 17, n.2, p. 122-132, 1997. Disponível em: <https://www.h-net.org/~cervant/csa/articf97/alcalde.htm>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- BRAVO HERRERO, Raquel; MORENO ESCAMILLA, Ezequiel. **Cervantes, La Gitanilla y los gitanos**. Facultad e Filología, Universidade de Sevilla, 2011. Disponível em: http://lateinamerika.phil-fak.uni-koeln.de/fileadmin/sites/aspla/bilder/ip_2011/Bravo_Moreno_Cervantes_La_gitanilla_y_los_gitanos.pdf. Acesso em: 02 dez. 2017.
- CERVANTES, Miguel. **La Gitanilla de Madrid** [1681]. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes; Madrid: Biblioteca Nacional, 2010. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual>.

com/obra-visor/la-gitanilla--0/html/ff312792-82b1-11df-acc7-002185ce6064_15.html#l_0_. Acesso em: 08 abr. 2017.

CONSEJO DE EUROPA 2002. **Marco común europeo de referencia para las lenguas**. Madrid: Anaya, 2001. Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/obref/marco/>. Acesso em: 15 maio 2017.

ESCUELA INTERCULTURAL. **El contexto de la discriminación como base del racismo y la xenofobia**. Módulo 1, s. d. Disponível em: <https://es.slideshare.net/pennypalma/discriminacion-y-racismo>. Acesso em: 4 out. 2017.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUASCH MELIS, A. E. Gitanos viejos y gitanos nuevos: los grupos sociales en La Gitanilla. *In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE CERVANTISTAS*, 8. El Toboso, 1998. **Anais...** Toledo: Dialnet, 1998. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=867425>. Acesso em: 05 jan. 2018.

KAHN, J. S. **El concepto de cultura**: textos fundamentales. Barcelona: Anagrama, 1975.

LOPES, Nei. **O racismo explicado aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

MAURER, C. La representación de los gitanos andaluces en la literatura de Cervantes, Borrow y Starkie. *In: Seminário Los "Valores" en la literatura contemporánea en España e Hispanoamérica*. Köln, 2008. Disponível em: http://lateinamerika.phil-fak.uni-koeln.de/fileadmin/sites/aspla/bilder/ip_hausarbeiten_cluj/Cornelius_Maurer.pdf. Acesso em: 22 out. 2017.

ROMPERO NUÑEZ, Miguel. **Estudios sobre el léxico andaluz**. Sevilla, Ediciones, El Carro de la Nieve, 1989.

SAZ, Eva Garrido del *et al.* **El dialogo intercultural através del arte**. Madrid: Ed. Cruz Roja Española, 2009.

SCHMELKES, S. **El enfoque intercultural en educación**: orientaciones para maestros de primaria. México, D.F.: Coordinación general de educación intercultural y bilingüe. Secretaria de Educación Pública, 2008.

SOLANO CAZORLA A., **Los gitanos y la literatura en el siglo de oro**. Valencia, Facultad de Filología de la Universidad de Valencia, 1997. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/115208354/Los-gitanos-en-la-literatura-de-los-Siglos-de-Oro>. Acesso em: 28 nov. 2017.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. São Paulo: Contexto, 2015.

VILLANUEVA, Antonio. Interculturalidad: Los gitanos y la literatura. *Revista de Literatura*, n. 191, p. 69-73, 2002. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/171736>. Acesso em: 4 out. 2017.

Recebido em: 22.08.2019

Aprovado em: 30.08.2019

Para referenciar este texto:

MOURA, Edilza de; OLIVEIRA, Rayane Maria da Silva. La gitanilla: a valorização entre culturas e a ruptura de estereótipos e preconceitos na obra de Cervantes. **Lumen**, Recife, v. 28, n. 2, p. 99-110, jul./dez. 2019.